

APRESENTAÇÃO

Será que a poesia – ou a língua, ou a filosofia, ou a música, ou a arquitetura, até mesmo a de nossos templos – precisam realmente dançar a mesma música de nossas convicções políticas e de nossas crenças religiosas? Será a perfeita harmonia de nossas identidades culturais uma virtude superior àquelas que possam advir da acomodação das contradições?

María Rosa Menocal, *O ornamento do mundo*.¹

No hate, no fear, immigrants welcome here.

Frase pichada em muro na cidade de Liverpool,
Reino Unido. Set. 2015.

Lembramos agora do belo livro de María Rosa Menocal, *O ornamento do mundo* (*The Ornament of the World: How Muslims, Jews and Christians Created a Culture of Tolerance in Medieval Spain*), que teve a primeira edição lançada, nos Estados Unidos, em 2002, alguns meses depois dos ataques a Nova York e Washington, em 11 de setembro de 2001. Ressaltando no pós-fácio a conexão da obra com os debates contemporâneos sobre alteridades e fronteiras, a autora definiu seu livro como “um tributo à tolerância cultural levada à Europa pelos omíadas” e “um relato do que

1. Tradução de Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 272.

fizeram as forças de intolerância que estiveram sempre presentes e que, por fim, triunfaram”.

No solo da Andaluzia (*al-Andaluz*), medra uma cultura de mestiçagens linguísticas, artísticas, filosóficas, literárias, arquitetônicas, tecnológicas, e a narrativa de María Rosa Menocal atravessa um período de cerca de sete séculos dessa convivência marcada por uma profunda curiosidade pelo outro: estranhar, acolher, desconfiar, assimilar, deixar-se assimilar... tudo ao mesmo tempo, sem unilateralidade.

Passados treze anos do lançamento do livro, assistimos ao que a imprensa internacional e especialistas vêm considerando uma das maiores crises humanitárias recentes às portas da Europa. Uma crise de fechamento de fronteiras – governos, racismos e intransigências – que deixa corpos indesejados a flutuar no mar. Imagens e relatos dessas experiências de deslocamentos forçados disseminam-se e abrem uma clareira: uma vontade de acolhimento parece revitalizar-se. Pessoas abrem suas casas para refugiados, redes de solidariedades, cartazes de boas-vindas por várias cidades pelo mundo.... Boas-vindas a quem não se conhece, “ao outro absoluto, desconhecido, anônimo”, na “democracia por vir” de Jacques Derrida.

Esta revista, que carrega o nome da Linguística Aplicada em seu título, uma área marcada pelos prefixos *inter*, *trans*, *in*, e que se constitui no debate fundamental com o pensamento descolonial, não pode deixar de se manifestar sobre isso. Não conseguimos deixar de nos identificar com o vislumbre, mesmo que distante, mesmo que muito mais utópico do que real, de um mundo sem passaportes, sem ódio, sem medo. Bem-vindas aqui, bem-vindos lá... de fora, de dentro... deslocadas e deslocados de todo o mundo.

O presente número da TLA traz sete artigos e uma resenha que, quase todos, de alguma maneira, ou melhor, de várias maneiras diferentes, pensam o contato, em diversas dimensões.

Aceitar o que ignoramos, o impulso por conhecer e o que não conhecemos. O afrouxamento das certezas pode ser tomado como chave para o contato, para a experiência do outro. Por esse caminho, Carlos Renato Lopes, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), no artigo *Livro Didático e a Pedagogia do Mestre Ignorante*, embrenha-se para pensar o papel do livro didático no reforço de uma “lógica da explicação”, baseada na hierarquia das inteligências e na desigualdade de posições nas relações de contato entre mestre e estudantes, no contexto da aprendizagem. Apoiando-se em *O Mestre Ignorante*, de Jacques Rancière, Lopes reflete sobre

possibilidades de os materiais didáticos funcionarem como mediadores de um processo de aprendizagem conjunta, de professor e alunos.

Em *Usos da autoconfrontação na Linguística Aplicada: o caso de um grupo de pesquisa*, os autores Deivis Perez, da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), e Carla Messias, da Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso, refletem sobre o contato nos contextos da pesquisa científica sobre o mundo do trabalho. Aproximando saberes dos campos de estudo da Educação, da Psicologia e das Ciências do Trabalho, o texto traça um rico quadro de estudos que utilizam o procedimento de autoconfrontação, ressaltando as contribuições para a área da Linguística Aplicada. Entendida como um recurso metodológico que traz à tona “os múltiplos discursos e perspectivas em torno de um ofício determinado”, a autoconfrontação integra o pesquisador e os trabalhadores, dando lugar a “um movimento dialético de análise e produção de saberes sobre o trabalho”.

Outro tipo de confrontação aparece no estudo de Nívea Rohling, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, e Rosângela Hammes Rodrigues, da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulado *Concepções de linguagem discursivizadas por licenciandos em um curso de graduação em Letras na educação a distância*. Os confrontos entre currículos e concepções linguísticas de docentes em formação, entre teoria e prática, norteiam a pesquisa, que toma um grupo de referência formado por estudantes de um curso de Licenciatura em Letras, na modalidade EaD. O resultado da pesquisa mostra que as concepções dos licenciandos sobre língua, variação linguística e linguagem como interação distanciam-se bastante da noção interacionista das práticas de escuta, leitura e produção textual vigentes nos documentos oficiais.

A área de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras tem em seu cerne a questão do contato entre culturas, o que tem relação direta com os processos cognitivos. Contatos entre as línguas portuguesa e espanhola em contextos de aprendizagens são temas de dois artigos. O primeiro, *La capacidad de corrección de errores y el feedback correctivo escrito: estudio de casos de aprendices de portugués hispanohablantes*, de Maria Rocio Alonso Rey, da Universidad de Salamanca (Espanha), apresenta considerações sobre o processo de aprendizagem da língua portuguesa por falantes do espanhol. A autora apresenta um estudo de caso baseado na capacidade de percepção de erros e dos efeitos de *feedback* corretivo na revisão de textos do aprendizes. Já Crisciene Lara Barbosa-Paiva, também vinculada à Universidad de Salamanca (Espanha), debruça-se sobre o ensino de espanhol para falantes de português e o uso de ferramentas tecnológicas. No artigo *Chat educacional no ensino de espanhol em ambiente virtual*, a autora elege o chat educacional como gênero, observando alguns elementos composicionais e suas funções na aprendizagem da língua espanhola, e também como *locus* das relações de contato entre alunos e professor, com foco nas dinâmicas interativas.

Pensar o ensino de línguas com ênfase na comunicação intercultural, a partir de uma perspectiva política que ajude a refletir sobre as relações entre língua, cultura e sociedade, é a proposta de Ana Cristina Biondo Salomão, da Universidade Estadual de São Paulo. A autora mobiliza, no artigo *O componente cultural no ensino e aprendizagem de línguas: desenvolvimento histórico e perspectivas na contemporaneidade*, um grande referencial teórico de disciplinas como Antropologia, Sociologia, Linguística e Linguística Aplicada, para dar conta de noções não estáticas de cultura, que embasam a proposta de uma aprendizagem de línguas que rompa com a concepção de culturas nacionais homogêneas.

O último artigo, *O princípio funcional/cognitivo da estrutura da informação e mecanismos sintáticos em um contexto de aprendizagem de inglês como L2*, assinado por Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira e Adriana Maria Tenuta, ambas da Universidade Federal de Minas Gerais, apresenta os resultados de uma prática pedagógica com aprendizes de língua inglesa. Orientado por princípios da linguística sistêmico-funcional, em um dado contexto situacional e cultural, esse ensino da escrita acadêmica propicia o desenvolvimento da competência de um aluno capaz de reconhecer, nos usos formais da língua e no seu processo de escrita, a construção de uma voz autoral.

O volume encerra-se com uma resenha, assinada por Flávia Danielle Sordi Silva Miranda, da Universidade Estadual de Campinas, do livro *A Scholar's Guide to Getting Published in English: Critical Choices and Practical Strategies*, de Mary Jane Curry e Theresa Lillis, que debate a escrita acadêmica contemporânea com olhar direcionado a autores multilíngues e os processos de produção e publicação principalmente em língua inglesa.

Como sempre, não podemos deixar de agradecer a nossos leitores, autores e avaliadores. Antigos e recém-chegados.

Bem-vindas e bem-vindos. É uma boa leitura!

Viviane Veras (IEL/Unicamp)
Daniela Palma (IEL/Unicamp)